

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

PEDRO PAULO BORGES RABELO

**ANÁLISE DAS REPORTAGENS NA COBERTURA FEITA PELO JORNAL
NACIONAL DOS ATENTADOS EM PARIS EM 2015**

**BRASÍLIA
2016**

PEDRO PAULO BORGES RABELO

**NOITE DE TERROR: ANÁLISE DAS REPORTAGENS NA COBERTURA FEITA
PELO JORNAL NACIONAL DOS ATENTADOS EM PARIS EM 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como trabalho final da disciplina
Métodos e Técnicas de Pesquisa do curso de
Jornalismo do UniCEUB.

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2016

PEDRO PAULO BORGES RABELO

**NOITE DE TERROR: ANÁLISE DAS REPORTAGENS NA COBERTURA FEITA
PELO JORNAL NACIONAL DOS ATENTADOS EM PARIS EM 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como trabalho final da disciplina
Métodos e Técnicas de Pesquisa do curso de
Jornalismo do UniCEUB.

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília, junho de 2016

Banca Examinadora

Prof. Luiz Claudio Ferreira
Orientador

Prof.
Examinador

Prof.
Examinador

“Seja você quem for, seja qual for a posição social que você tenha na vida, a mais alta ou a mais baixa, tenha sempre como meta muita força, muita determinação e sempre faça tudo com muito amor e com muita fé em Deus, que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá.”

Ayrton Senna

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

À minha amada mãe, Mery Dalva, por sua capacidade de acreditar em mim e investir tudo o que tinha no meu sonho. Seu cuidado e dedicação me deram, em muitos momentos, a esperança para seguir. Sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada.

Agradeço ao meu irmão, Tiago Nery, por todo o apoio, incentivo, investimento e suporte nas horas mais difíceis, de desânimo e cansaço. Por sempre se importar e acreditar no meu sonho, mesmo nos momentos de dúvida e inquietude.

Sem me esquecer do meu pai, Valter Ney, por todo apoio e suporte na difícil caminhada até aqui.

Ao meu orientador, professor Luiz Cláudio Ferreira, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho e por todos os conselhos e orientações durante esses três anos no UniCEUB.

A Renner Silva Lopes, que me deu a primeira oportunidade no esporte que eu mais gostava, o futebol. Que me deu a chance de realizar grandes sonhos cobrindo futebol e outros esportes para o rádio e internet.

Sem me esquecer de todos os chefes que tive ao longo desse tempo como universitário, que me instruíram, ensinaram e me deram a oportunidade de me tornar sempre um profissional melhor: Bárbara Coelho, Giovanni Motta, Carlos Senna, Patrícia Rezende, Paulo Mondego, Michelle Castro, Tamiris Amaral, Viviane Novaes, Flávia Marsola, Cris Marques, Lúcia Mollo, Isabela Calzolari.

Aos amigos João Pedro Melo, Lucas Magalhães e Marcio Rocha, que dividiram comigo o sonho de transmitir o basquete do Distrito Federal através da internet. Que

disponibilizaram tempo, recursos, habilidades e amizade para construirmos um trabalho no webjornalismo bem-sucedido. Trabalho que ajudou na minha carreira profissional.

A Rodrigo Nunes, que em 2008, numa conversa despretensiosa na sala de aula no segundo ano do ensino médio, compartilhou que tinha o mesmo sonho que eu: se tornar jornalista esportivo. Que me deu oportunidades, abriu portas em vários trabalhos e que me ajudou como colega de sala e amigo.

A João Paulo Machado que por quase um ano foi meu colega de transmissões esportivas e pelo mesmo período foi meu companheiro de trabalho na Empresa Brasil de Comunicação. Me ensinou o que era o rádiojornalismo, me mostrou o que era o rádio e o que ele significava para os mais ricos e também para os mais humildes ouvintes. Teve a paciência de compartilhar tudo o que sabia comigo.

A Thiago Marcolini, o cara que me colocou na minha primeira transmissão no esporte do DF: Ceilândia e Luziânia no Candangão 2012. Colega de profissão, amigo de vários trabalhos e até companheiro de mudança de universidade.

E a todos os amigos, colegas de profissão que diretamente ou indiretamente contribuíram para o meu projeto de conclusão de curso, que me ajudaram no jornalismo ou até mesmo auxiliaram na construção de uma pessoa melhor que sou hoje, do que quando entrei no Jornalismo, em 2011.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cobertura do telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, sobre os atentados de Paris no dia 13 de novembro de 2015. Essa pesquisa avalia quais os critérios de noticiabilidade do material veiculado durante 15 dias, a partir da data dos ataques, a fim de se evidenciar características “factuais” ou de “contextualização” desses materiais. Os ataques aconteceram em pontos diversos da capital da França e foram assumidos pelo grupo terrorista Estado Islâmico. Segundo as autoridades francesas, 129 pessoas morreram e mais de 352 ficaram feridas. Sete pessoas acusadas de terem cometido os ataques terroristas também morreram. A observação dessa cobertura pode ser relevante para entender se o *Jornal Nacional*, o telejornal de maior audiência no país (no ano em que essa pesquisa foi feita), levou ao espectador informações que ampliassem a compreensão do público brasileiro sobre tema que é de interesse de todo o mundo. O trabalho trata do telejornalismo, da importância do jornalismo de guerra e do correspondente internacional, que no caso dos atentados de Paris, foram fundamentais na busca da informação mais precisa pela emissora. São analisadas as definições de notícia e reportagem e também as funções de gêneros jornalísticos factual, investigação, politização e contexto, importantes para a classificação do material coletado.

Palavras-chave: Telejornalismo. Atentados. Paris. Notícia. Reportagem. Contextualização. Factual. Jornal Nacional. Politização. Investigação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETO DA PESQUISA	9
1 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	11
1.1 GÊNERO	11
1.2 TIPOS NARRATIVOS	12
1.2.1 NOTÍCIA	12
1.2.2 REPORTAGEM	13
1.2.3 CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE	14
1.2.4 DIFERENÇA ENTRE NOTÍCIA E REPORTAGEM.....	15
2 TELEJORNALISMO	17
2.1 HISTÓRIA	17
2.2 ELEMENTOS DE UM TELEJORNAL	19
2.2.1 A PAUTA	19
2.2.2 PRODUÇÃO	20
2.2.3 ENTREVISTA	21
2.2.4 TEXTO	21
2.2.5 EDIÇÃO	23
2.3 FONTES NO TELEJORNALISMO	24
2.3.1 CLASSIFICAÇÃO	25
3 JORNALISMO EM AMBIENTES HOSTIS.....	28
3.1 HISTÓRIA	28
3.2 REQUISITOS PARA SER UM CORRESPONDENTE DE GUERRA	29
3.3 RECOMENDAÇÕES AO PROFISSIONAL DE GUERRA	30
3.4 JORNALISTA DE GUERRA E O JORNALISMO INTERNACIONAL	30
4 NEWSMAKING E GATEKEEPER	33
5 METODOLOGIA	36
5.1 MÉTODO DO TRABALHO	36
5.1.1 PROCEDIMENTO	37
6 ANÁLISE	40
6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO	40
RESULTADOS	45
7 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – TABELA REPORTAGENS JORNAL NACIONAL	51

INTRODUÇÃO

O dia treze de novembro de 2015, segunda sexta-feira do penúltimo mês do ano, ficará marcado como a data do pior atentado já feito à França, desde a segunda guerra mundial. Paris foi alvo de uma série de ataques terroristas que deixaram, segundo portais de notícias do mundo inteiro, 129 mortos e 350 pessoas feridas, parte delas em estado grave. Diante da ocorrência inesperada, os veículos brasileiros passaram a destacar os ataques com manchetes. Para a presente pesquisa, a observação é do conteúdo veiculado pelo Jornal Nacional, o programa jornalístico de maior audiência no país. Na busca de compreender o fenômeno de comunicação, houve uma curiosidade inicial sobre qual seria o critério de noticiabilidade dessa cobertura em um outro país, mas com interesse público internacional, inclusive no Brasil.

A partir desse olhar inicial, foram identificados possíveis problemas de pesquisa o olhar para texto dos repórteres, o viés das matérias veiculadas e a capacidade de correlacionar os acontecimentos. Daí surgiu o problema de pesquisa: as reportagens do Jornal Nacional serviam apenas para informar e reportar a caça aos terroristas responsáveis pelos atentados, abordando o estilo jornalístico factual¹ ou para entender a dinâmica internacional de como e porque os ataques foram feitos a Paris?

O noticioso, por meio das reportagens, conseguiu passar para o espectador os contextos dos ataques, o porquê, que intenção O Estado Islâmico tinha ao atacar Paris ou se somente mostraram para os telespectadores o que acontecia na capital francesa? Se o jornal conseguiu sair do factual e levou para quem o assistia conteúdo para poder entender melhor o que de fato levou aos ataques e quem os fez.

Os alvos dos terroristas teriam sido escolhidos minuciosamente. Segundo o noticiário, foram registrados ataques em sete pontos movimentados da capital francesa: *Stade de France*, *Carillon Paris*, *Rue de La Fontaine au Roi*, *La*

¹ “É o tipo mais simples de pauta, já que se refere a evento que está de desdobrando. Funciona como um lembrete para a produção. Oferece em poucas palavras sugestões para enfoques de cobertura” (CURADO, 2002, p. 43).

Beaumarchais, casa de shows *Bataclan*, *Boulevard Voltaire* e *La Belle Equipe* foram os locais escolhidos para os ataques aos franceses e estrangeiros.

O principal ponto dos ataques aconteceu na casa de show francesa Bataclan. No local, atiradores fizeram reféns e abriram fogo contra um público de aproximadamente mil pessoas, que assistiam ao show da banda Eagles of Death Metal. Ao menos 80 pessoas foram mortas.

Na noite dos ataques, já era especulado pela mídia, mas sem nenhuma certeza, que grupo seria o responsável pela ação. Especialistas apareciam na mídia falavam do Estado Islâmico com mais certeza, mas não rechaçavam a ideia da Al-Qaeda estar por trás da noite de terror. No dia seguinte veio a confirmação de quem causou a noite de terror aos parisienses e quem visitava a cidade luz: o grupo Estado Islâmico reivindicou a autoria no dia anterior e afirmaram que haveriam mais atentados na França e em outros países. O presidente da França, François Hollande, condenou o grupo e declarou guerra ao terror.

Rádios, televisões, sites e agência de notícias do mundo inteiro fizeram uma cobertura ostensiva dos ataques a Paris. A BBC, emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido, transmitiu praticamente todos os momentos de terror. Diversas emissoras retransmitiram a BBC que estava no local com grande equipe de reportagem. No Brasil, canais como Band, Globo, SBT, Band News TV, Globo News e Record News paralisaram suas programações para noticiar o que estava acontecendo na França. O Brasil também parou para acompanhar os atentados. Mesmo com a crise política, econômica e também com os problemas com o estouro da barragem de Mariana², os brasileiros ficaram chocados com as cenas que viam, com o que ouviam ou o que liam.

No dia, o *Jornal Nacional*, principal telejornal da Rede Globo de televisão, noticiou praticamente todos os fatos dos atentados em tempo real. Com contatos com produtores na Europa, brasileiros e entradas ao vivo com o correspondente em

² O rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco no dia 5 de novembro de 2015, causou uma enxurrada de lama que inundou várias casas no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais. Dezenove pessoas morreram.

Londres, Roberto Kovalick, William Bonner e Renata Vasconcellos fizeram naquela sexta-feira um jornal atípico. Fora da rotina das pautas fechadas e espelho do jornal pronto, praticamente todo o Jornal Nacional foi modificado para poder reportar para os telespectadores o que acontecia em Paris, mesmo que tenha sido com informações preliminares e desconstruídas vindas das autoridades francesas e agências de notícias.

A cobertura do telejornal durou 15 dias ininterruptos (todo o período foi observado por essa pesquisa). Equipes de reportagem foram deslocadas de outros países europeus para cobrir o que acontecia na capital francesa. Neste trabalho, é abordado como foi a cobertura dos atentados em Paris no dia 13 de novembro de 2015, de acordo com os critérios de noticiabilidade utilizados no jornalismo televisivo, pelo Jornal Nacional, telejornal da Rede Globo de Televisão. Será apresentada uma análise das reportagens veiculadas desde o dia dos ataques até o dia 27 de novembro. A pesquisa foi delimitada durante esse tempo, pois o telejornal deu destaque ao fato com notícias diárias dentro desse período.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM-2015), 95% dos brasileiros declaram assistir à televisão. Em números divulgados em um artigo do Observatório da Imprensa, em junho de 2016, ao compararmos o período de 27/4 a 23/5 de 2015 com o trecho de 28/4 a 24/5 do ano anterior, houve um crescimento de 7% (de 23,7 para 25,4 pontos).

A pesquisa está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo trata sobre “objetividade e imparcialidade”. O capítulo também aborda a diferença entre notícia e reportagem, de acordo com os manuais de jornalismo.

O segundo capítulo se refere ao telejornalismo e traz um resumo sobre a história do gênero no Brasil. São abordadas as características do telejornalismo e conceitos baseados nos manuais de jornalismo. O capítulo também traz fundamentos acerca da entrevista na TV, os princípios editoriais e também as fontes no telejornalismo.

O capítulo “jornalismo em ambientes hostis” traz como e quando começou esse tipo de cobertura jornalística. Trata sobre como o jornalista trabalha fora do país de origem e os conceitos jornalísticos sobre o tema. Além disso, também descreve o “jornalismo de guerra”, que é a cobertura de repórteres de qualquer plataforma (jornal, site, rádio ou tv) em zonas de conflito. No quarto capítulo são abordados o “newsmaking e gatekeeper”. O quinto capítulo tem descrição do método utilizado durante a pesquisa deste trabalho para a análise da cobertura relacionada aos atentados. Essa teoria será a base utilizada para a elaboração da etapa de análise desse estudo.

O sexto terá a análise das reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional relacionadas ao ataque em Paris, se foram de conteúdo factual ou se além disso situaram o telespectador acerca do contexto dos acontecimentos e as dinâmicas internacionais. E, em seguida, as conclusões e considerações finais da análise feita a respeito dos objetos selecionados para a pesquisa.

1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Lage (2006) indica que o jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato. “O texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais, como as frases feitas da linguagem cartorária” (LAGE, 2006, p. 95). Nesse aspecto, deve se explicar como se formaram gêneros jornalísticos, diferenciar conceitos de notícia e reportagem, além de refletir sobre definições que mostrem características desses dois estilos do jornalismo.

1.1 GÊNERO

A definição de gêneros vem desde a Grécia antiga, há quase três mil anos, com a classificação proposta por Platão, que era baseada nas relações entre literatura e realidade, dividindo o discurso em mimético, expositivo ou misto. E foi nesta área que a teoria dos gêneros ganhou consistência, seja como agrupamento de obras por convenções estéticas ou como normatizadora das relações entre autor, obra e leitor. Apesar das diversas mutações ao longo do tempo, há uma certa unanimidade para diferenciar alguns gêneros da literatura, como poesia e prosa.

No jornalismo, a primeira tentativa de classificação foi feita pelo editor inglês Samuel Beckeley no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal *Daily Courant* em *news* (notícias) e *comments* (comentários). Para se ter uma ideia da dificuldade em estabelecer um conceito unificado de gênero, essa divisão demorou quase 200 anos para ser efetivamente aplicada pelos jornalistas e, até hoje, causa divergências.

No Brasil, o jornalista Luiz Beltrão foi o pioneiro no estudo de gêneros, seguido do professor José Marques de Mello (2010). As propostas de José Marques de Mello foram baseadas nos seguintes critérios: 1) finalidade de texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; 2) estilo; 3) modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4) natureza do tema e topicalidade; e 5) articulações interculturais (cultura).

A classificação proposta pelo autor divide o jornalismo em dois gêneros: informativo e opinativo. O primeiro inclui os subgêneros nota notícia, reportagem e entrevista. Já o segundo está dividido em editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

1.2 TIPOS NARRATIVOS: NOTÍCIA E REPORTAGEM

A produção de textos no jornalismo pode ser dividida por alguns tipos narrativos. Com sua especialidade e suas especificações, cada tipo de texto leva a informação de uma forma diferente para o receptor da notícia. Dois dos modelos mais tradicionais de tipos narrativos são notícia e reportagem. São bastante utilizados pelos veículos de diversas plataformas para reportar um fato ou contar uma história. Para Nascimento (2009), a riqueza nos detalhes que são apresentados varia de acordo com o tipo de texto narrativo. Notícia e reportagem são utilizados de forma diferentes com os definidos objetivos.

1.2.1 NOTICIA

O tipo narrativo “notícia” é o mais utilizado e pode ser considerado o mais importante no jornalismo. A notícia tem por característica se ater mais ao factual. A notícia traz no lead as perguntas básicas do jornalismo: 1 – o que?; 2 – quando?; 3 – por quê?; 4 – onde?; 5 – como?; 6 – quem?.

Ainda de acordo com Nascimento (2009), a estrutura da notícia obedece ao esquema da pirâmide invertida, oferecendo em primeiro lugar a informação central para, em seguida, apresentar dados adicionais a respeito do fato, assim como as falas dos envolvidos no acontecimento.

A notícia é considerada matéria-prima do jornalismo, especialmente em mídia jornal, pois o texto que carrega a identidade da narrativa jornalística e, muitas vezes, é a partir dela que as outras modalidades textuais em jornalismo se constroem, ora aprofundando seus dados (como na reportagem, por exemplo), ora avaliando seus efeitos e dimensionando sua importância (como nos artigos). Atualidade e ineditismo são suas principais características e servem de parâmetro ao trabalho do repórter, que precisa estar atento ao que é realmente relevante e novo em determinados acontecimentos (NASCIMENTO, 2009, p. 90).

Traquina (2005) entende que as notícias não falam sobre a vida, mas sobre os “momentos dramáticos” dela. “A pergunta ‘o que é notícia?’ podemos responder que a reposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como uma lógica não explicitada” (TRAQUINA, 2005, p. 96).

1.2.2 **REPORTAGEM**

A reportagem é um outro tipo de texto narrativo do jornalismo que tem bastante utilidade em diversas plataformas, internet, rádio e televisão. A reportagem se caracteriza por ser mais longa e ter um aprofundamento maior que a notícia, trazendo maior riqueza de detalhes por ser um material mais apurado. A reportagem foge do estilo factual de se noticiar e procurar transformar a notícia em um grande material com mais informações.

Assim, a reportagem exige maior capacidade de observação e de investigação por parte do jornalista, que deve, ainda, explorar os mais diversos ângulos sobre o que está sendo relatado: busca de "personagens", fala de especialistas, índices ou dados estatísticos relacionados ao fato, etc. [...] Em sua produção a reportagem por ser um texto mais longo, exige uma pauta bem elaborada, um roteiro de busca de informações que indique não só o tema/fato a ser abordado, como também as estratégias possíveis para essa abordagem: nomes e contatos de entrevistados relevantes a matéria, fontes de pesquisa, indicações de outros textos já publicados a respeito pela imprensa (muitas vezes, uma pesquisa prévia realizada no próprio arquivo do veículo para o qual o jornalista realiza a reportagem (eventos relacionadas ao tema que possa, ser acompanhados pelo repórter (coletivas, simpósios, reuniões comunitárias), assim como indicações de locais a serem visitados pela reportagem (NASCIMENTO: 2009, p. 85).

A reportagem exige maior apuração e também a sensibilidade do repórter. Geralmente o termo utilizado para isso é “faro jornalístico”, em que o repórter usa sua apuração e o seu instinto jornalístico para trabalhar uma reportagem.

É certo que estar atento ao mundo, ao que acontece à sua volta, não é dom divino, tampouco é exclusividade de jornalistas, mas para estes deve ser essa uma atitude constante, uma busca diária. Vale lembrar que essa percepção vai muito além de saber o que é fato, o que dará manchete, o que interessará ao edito. O exercício inclui (principalmente) percepção humana, sensibilidade e afetividade (NASCIMENTO, 2009, p. 86).

Nilson Lage (2006), define que a reportagem possui um outro nível de planejamento. Nesse tipo de conteúdo a matéria prima é abundante e pode ou não

ser atualizada por um acontecimento. Na reportagem, a pauta deve trazer de que forma o assunto será introduzido e abordado.

O estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia: varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance. (LAGE, 2006, p. 54).

Babeiro (2002), define que principal fonte de matérias com conteúdo exclusivo é a reportagem. “A busca constante da isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o telespectador possa tirar suas próprias conclusões do fato relatado” (BARBEIRO, 2002, p. 67).

1.2.3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Para se entender sobre este trabalho, é essencial que a pesquisa também trate dos critérios de noticiabilidade, que estreitam e facilitam o trabalho do gatekeeper. Galtung e Ruge (1965, apud SOUSA, 2015) introduziram no modelo metafórico do *gatekeeping* a ideia de que vários critérios de noticiabilidade ou de valor-notícia se sobrepõem à subjetividade dos jornalistas no processo de seleção de informação. Entre os principais critérios de noticiabilidade encontram-se, simplificadaamente, os seguintes:

Momento e frequência do acontecimento, intensidade ou magnitude do acontecimento, clareza, consonância com as expectativas, proximidade, proeminência social das pessoas envolvidas, proeminência das nações envolvidas, composição tematicamente equilibrada do noticiário, desenvolvimento de assuntos anteriores, inesperado, personificação e negatividade (GALTUNG; RUGE, 1965, apud SOUSA, 2015, p. 17).

Nelson Traquina, em sua publicação “Teorias do Jornalismo”, aborda o tema dos critérios de noticiabilidade. Segundo Traquina (2005), os jornalistas compartilham de uma mesma definição de critério de noticiabilidade, o que acaba deixando o esquema geral de notícias previsível.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou

assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor notícia (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Para Wolf (2005), os valores notícia de seleção são os critérios utilizados pelos jornalistas para selecionar um fato e noticiá-lo. Wolf define os valores notícia em dois subgrupos:

a) Os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores de notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (WOLF apud TRAQUINA, 2005, p. 78).

1.2.4 – DIFERENÇA ENTRE NOTÍCIA E REPORTAGEM

Os gêneros jornalísticos notícia e reportagem tem suas diferenças tanto no conceito como no uso, para os veículos impresso, rádio ou televisão. A notícia tem uso mais factual e aborda temas do dia a dia, trazendo informação, mas sem que haja um aprofundamento muito grande no assunto de interesse público. Já a reportagem que possui maior tempo de apuração e produção, se aprofunda em temas de interesse público. A reportagem traz mais informações, conteúdo, tem um formato distinto de como é feita a notícia.

A distância da notícia e da reportagem estabelece-se, na prática, através da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. [...] As reportagens supõem um outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados por um acontecimento. (LAGE, 2006, p. 55).

Para Marques de Melo (2003), gênero é um conjunto de circunstâncias que determinam o formato como uma empresa jornalística ou uma instituição vai difundir informação para o público alvo.

Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista

processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64).

Para Lage (2006), o estilo jornalístico reportagem é menos rígido que a notícia e que varia de acordo com o veículo e com o público alvo. O formato da reportagem pode ser feito – a partir das informações colhidas – por ordem decrescente de importância, mas também pode narrar o acontecimento, como um conto ou fragmento de romance.

O futuro do jornal parece estar mais ligado a reportagem. Esta palavra tem dois sentidos: por um lado, designa o setor das redações que trata da apuração e codificação de fatos, em geral; por outro, um gênero jornalístico diferente da notícia por vários aspectos. O primeiro deles é que a reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido (LAGE, 2006. p. 54)

Lage (2006), exemplifica como é abordado um fato no formato de notícia e reportagem. Informa-se, por exemplo, ao público que um governo foi deposto. Na reportagem se aborda sobre a crise político-institucional, econômica, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, a conspiração que levou ao golpe e um ou vários personagens envolvidos no episódio etc.

Para Nascimento (2009), a reportagem se difere da notícia por apresentar base interpretativa do fato, uma vez que o primeiro estilo se pretende mais profundo e completo.

2. TELEJORNALISMO

Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015), divulgados em 2014 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) 95% dos brasileiros assistem à televisão regularmente e 74% a veem todos os dias. A pesquisa apontou também que o rádio ainda é o segundo meio mais utilizado, apesar do crescimento da internet. Realizada pelo Ibope, a PBM entrevistou mais de 18 mil pessoas em todo o País e confirmou a predominância dos meios eletrônicos nos hábitos de consumo da população brasileira. Prova disso, é que os expectadores brasileiros passam em média 4h31 em frente à TV durante a semana e 4h14 nos finais de semana. Os números são superiores aos encontrados na PBM 2014, que apontavam 3h29 e 3h32, respectivamente. Por conta da força da televisão, o telejornalismo tem grande importância na vida dos brasileiros e no jornalismo nacional.

O telejornalismo se diferencia de outros gêneros por ser o único a aliar o imediatismo, agilidade e instantaneidade à imagem. No caso do telejornal, programa com os principais acontecimentos do dia, as notícias podem ser relatadas sob vários formatos, como nota simples (matéria que não foi alvo de reportagem externa), nota coberta (com imagens acompanhadas de voz), e reportagens, a forma mais completa de apresentar a notícia.

Assim como em outras mídias, a linguagem deve ser simples e coloquial para beneficiar o maior número de pessoas, evitando o uso de gírias, palavras estrangeiras, que podem confundir o telespectador. O jornalista precisa dominar técnicas de entrevista ao vivo e conseguir driblar o tempo, para que o entrevistado não se prolongue muito na resposta. Na televisão, principalmente, o tempo é um fator decisivo.

2.1 HISTÓRIA

Para contar a história do telejornalismo desde a sua origem, é utilizado como base o livro “Jornalismo de TV” das autoras Luciana Bistane e Luciane Bacellar. A

Alemanha, em 1935, começou a utilizar a televisão para dar serviços públicos. Em 1926, a British Broadcasting Corporation (BBC) foi criada por empresas que comercializavam aparelhos radiofônicos. Posteriormente a BBC foi transformada em corporação pública. Se as empresas de rádio cobravam uma taxa mensal dos ouvintes para financiar o serviço público, o mesmo sistema foi adotado para a televisão, com os telespectadores pagando um valor para financiar serviços públicos na tv.

No Brasil, a televisão tinha como sua maior preocupação garantir audiência. Em setembro de 1950, a novidade chegou ao país quando Assis Chateaubriand entrou no ar com a TV Tupi, em São Paulo. No país, não havia aparelho de televisão em casa, pois era muito recente e caro. Chateaubriand mandou trazer um avião com 200 aparelhos para que as pessoas pudessem ver aquilo que estava sendo feito na TUPI. Mas como a burocracia que poderia atrasar a chegada dos aparelhos ao país, a carga teve que ser contrabandeada.

Com a chegada das televisões ao Brasil e com a estreia da TV Tupi, surgiu o primeiro telejornal, o “Imagens do Dia”. Na época era muito comum que empresas patrocinassem os telejornais. Por isso, em 1952, surgiu o telejornal *Panair*, que era patrocinado por uma empresa aérea. No mesmo ano, surgiu o Repórter Esso – vindo do rádio – e que marcou o jornalismo brasileiro como um dos maiores telejornais do país. O nome do telejornal dá nome a um dos maiores prêmios do jornalismo brasileiro. Esse programa foi pensado a partir de um modelo dos programas de sucesso de rádio. Basicamente as notícias eram lidas pelos locutores o tempo todo, já que na época não haviam tantas imagens para cobrir as informações. As notícias do telejornal vinham de agências dos Estados Unidos. O telejornal durou 18 anos.

Nos anos 1960, a ditadura militar estabeleceu o controle de informações de acordo com os interesses do regime militar. Como a concessão de rádio e tv era distribuída pelo governo, os militares não tiveram dificuldade em impor suas vontades. Um dos programas mais afetados foi o Jornal de Vanguarda que trazia linguagem ousada e combinava irreverência com criatividade. Participavam cronistas e comentaristas como Millôr Fernandes, Newton Carlos, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta e outros. O Jornal da Manchete inovou o cenário do telejornalismo brasileiro levando duas horas de notícias para os telespectadores no chamado horário

nobre. E em 1969, após 19 anos da chegada da televisão ao Brasil, a TV Globo criou o primeiro jornal rede (que seria transmitido para mais de um estado), o Jornal Nacional. Para o telejornal a emissora importou dos Estados Unidos o "jeito" de fazer jornalismo e criou o "padrão Globo de jornalismo", fórmula que atrai críticas, mas que funcionou para a emissora carioca para se manter com mais investimentos, publicidade e líder de audiência.

2.2 ELEMENTOS DE UM TELEJORNAL

São necessários vários elementos para se compor um telejornal. Até a informação chegar de forma simples, concisa e objetiva ao telespectador, existe todo um processo jornalístico para que haja uma filtragem da notícia, para que chegue até quem está assistindo o conteúdo mais importante e de boa qualidade. São elementos jornalísticos fundamentais para a construção de um telejornal.

2.2.1 A PAUTA

Segundo Barbeiro (2002), a pauta para o telejornalismo tem maior relevância do que para os outros veículos por conta dos detalhes e das peculiaridades que ela traz. O cuidado exigido aos detalhes necessários para a elaboração de uma reportagem na TV aumenta a importância de um planejamento para a notícia. Segundo ele, a pauta tem características como.

A preocupação com a imagem em todas as etapas da produção de uma reportagem para a TV, desde a concepção da pauta. É importante pensar as imagens juntamente com a pauta, pois é inviável se construir uma reportagem para televisão sem imagens. [...] A notícia requer apuração precisa, tratamento e elaboração. Na pauta devem constar dados sobre os entrevistados, telefones, endereços onde podem ser encontrados e deve-se evitar marcações muito distantes uma das outras para o mesmo repórter (BARBEIRO, 2002, p. 99).

A autora Olga Curado define em seu livro "A notícia na TV" o conceito de pauta no telejornalismo. Curado (2002) conceitua que a pauta traz um conjunto de dados que dão início a uma reportagem e não pode ser genérica ou evasiva. Ela exemplifica:

Quando alguém diz: vamos fazer uma reportagem sobre privatização, pode imaginar que está sugerindo uma pauta, mas está em realidade fazendo uma

pensata. Geralmente as pensatas são longos discursos cheios de opiniões, de pontos de vistas e emoções. Esses enunciados contêm pouca informação, mas têm muitas impressões e palavrório, ato de indignação (CURADO, 2002, p. 40).

A autora também destaca em seu livro sobre a pauta, que esse é um dos elementos mais importantes na confecção da notícia.

A pauta de televisão só existe se ela puder ser proposta em três linhas. Se não for assim, é um simples enunciado ou fragmento de uma informação. Concisa, a pauta mostra uma notícia completa, mas que deve ser desdobrada (CURADO, 2002, p. 40).

Para Carvalho (2010), uma ideia de pauta bem construída evita não somente a perda de tempo das equipes na rua, mas firma um consenso entre as pessoas que estão envolvidas, além de diminuir a perda de tempo. “A ideia de uma reportagem especial pode surgir a partir de uma ideia de uma notícia que o seu próprio jornal tenha veiculado, de uma leitura de jornais, etc.” (CARVALHO, 2010, p.35).

2.2.2 PRODUÇÃO

Para Barbeiro (2002), na produção do telejornal, o produtor é parte responsável pelas condições materiais e do conteúdo do telejornal. O produtor funciona como elo de ligação entre jornalistas e técnicos, e acompanha a edição do programa desde o início. São funções do produtor:

Organizar a reunião de pauta para que sejam pensados os temas e a forma com que os assuntos mais importantes serão mostrados no dia seguinte. O produtor também deve estar atento ao enfoque do noticiário de outras TVs. Deve verificar a produção dos programas anteriores, pois vários temas podem ser aproveitados e podem ser utilizados no telejornal seguinte. O produtor deve cuidar para que o contato com pessoas, empresários, empresas ou entidades públicas ou privadas acusadas durante uma entrevista seja imediato para pedido de posicionamento. Ouvir todos os lados da notícia é a prioridade do bom jornalismo. Deve estar sempre em contato com as fontes. Notícias relevantes podem surgir de conversas informais, do dia a dia. Se o entrevistado adiantar uma notícia o produtor deve informar imediatamente o entrevistador (BARBEIRO, 2002, p. 89).

Para Paternostro (2006), o produtor é o encarregado das tarefas de produção. Produtor jornalístico. “Organização e coordenação do trabalho prévio para uma reportagem. Desde a pesquisa, imagens de arquivo, marcação de horários, levantamento de material, etc.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 215).

2.2.3 ENTREVISTA

Segundo Barbeiro (2002), a entrevista no telejornalismo tem a função de informar o público de acordo com dados de especialista, uma fonte. É um método utilizado para que possa levar conteúdo ao telespectador e também preencher com maior tempo o telejornal, do que preencheria um VT. O autor define orientações na produção de uma entrevista.

A entrevista deve ter começo, meio e fim. Deve-se planejar o tempo disponível. O entrevistado deve estar a par do que será perguntado, pois a falta de preparo pode desviar o foco da entrevista. O entrevistador deve, na maior parte do tempo, colocar-se no lugar do telespectador e perguntar aquilo que considera mais importante sobre o assunto pautado. O jornalista deve estar mais preparado para a mudança no rumo da entrevista. Uma resposta pode levar o assunto para um tema mais importante que o preestabelecido. As respostas do entrevistado devem ser claras. Na dúvida, deve-se pedir para o entrevistado explicar melhor a ideia sobre o tema abordado. Não deixe o entrevistado fugir da pergunta. Quando uma pergunta não for respondida deve-se insistir imediatamente (BARBEIRO, 2002, p. 84).

Para Paternostro (2006), deve-se ter cuidado em entrevista com especialista em um assunto, pois eles não estão acostumados a falar com repórteres ou de forma simples para o telespectador.

Eles usam termos tão especializados que uma fala de um minuto e meio pode ser grego para quem está ouvindo em casa. Eles não conseguem evitar as expressões técnicas e usam uma linguagem de difícil entendimento para o leigo. Não custa pedir ao nosso entrevistado que “traduza” o que está dizendo, que nos ajude a passar uma informação mais clara ao telespectador. E também devemos orientá-los antes de gravar: eles estão falando para milhões de brasileiros que, provavelmente, não entendem o que eles dizem (PATERNOSTRO, 2006, p. 149).

É importante destacar “tenha em mente que perguntar nunca é demais. Peque pelo excesso, não pela omissão. Não deixe dúvidas para o entrevistado sobre o que você precisa e sobre o que está fazendo” (CARVALHO, 2010, p. 38).

2.2.4 TEXTO

O texto no jornalismo tem como características a concisão, a objetividade e a simplicidade, mas sem deixar de informar.

A televisão e o rádio têm a característica de instantaneidade, o que obriga o jornalista a fazer com que a notícia seja entendida pelo receptor no exato momento em que é transmitida. Na TV, assim como no rádio, o texto deve ser coloquial e o jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém, mas existe uma diferença fundamental: o casamento da palavra com a imagem. É a sensibilidade do jornalista que vai fazer essa “união” atingir o objetivo de levar ao ar uma informação que seja fácil de ser compreendida pelo telespectador. (BARBEIRO, 2002, p. 95).

Segundo Barbeiro (2002), o texto do telejornal tem uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade. O autor destaca sobre o texto.

O primeiro passo para a redação de um texto na TV é conhecer as imagens que poderão ser usadas na edição. É preciso saber o que usar para fazer o casamento da palavra com a imagem. Não descreva no texto exatamente o que está na imagem. O resultado será a redundância. O texto começa com o lead. Procure a novidade, o fato que atualiza a notícia e a torna o mais atraente possível. O texto deve ter uma sequência lógica na ordem direta. A regra é simples: sujeito + verbo + predicado. O texto deve ser coloquial, mas sem apelos à linguagem vulgar, longe de gírias, chavões, lugares-comuns e expressões que se desgastaram com o tempo. Evitar frases longas: elas dificultam a respiração do apresentador, de quem lê e são mais difíceis de serem entendidas. Cada frase deve expressar uma ideia. (BARBEIRO, 2002, p. 95).

Barbeiro (2002) destaca que “O texto precisa ter um ritmo. Use frases curtas, mas que não sejam telegráficas. Evite frases intercaladas, entre vírgulas. A repetição de palavras na TV, desde que na medida certa, ajuda na compreensão da notícia” (BARBEIRO, 2002, p. 95).

O texto do repórter deve ser todo “mastigado”. O telespectador não tem a obrigação de conhecer detalhes da notícia, como geografia e história, ou fazer cálculos (CARVALHO, 2010). O autor define.

O texto, de forma geral, não descreve a cena, com risco de cair na redundância. Muitas vezes usamos simbolismos, até porque com a imagem a informação que queremos passar fica clara. Não se trata de fazer poesia ou crônica, mas de escrever com sabor, entregar para o telespectador algo que ele compreenda e goste, e mais uma história que tenha ritmo, que prenda a atenção (CARVALHO, 2010, p. 52).

A autora Paternostro (2006), destaca que um texto deve ter estrutura simples, palavras bem escolhidas e de fácil compreensão, frases estruturadas, clareza, ser rico, bonito, com harmonia e sem rebuscamento. Ela lembra que o repórter deve se

atentar ao escrever um texto em “informação visual, imediatismo, instantaneidade, alcance, envolvimento, superficialidade e audiência” (PATERNOSTRO, 2006, p. 75).

2.2.5 EDIÇÃO

Segundo Barbeiro (2002), a função do editor na TV é crucial para o fechamento do VT, pois com a correria do repórter para a construção da reportagem, o editor fica com a função na redação de pensar, montar e finalizar o material do repórter. De acordo com Heródoto Barbeiro, editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda história a edição precisa de uma sequência lógica que pelas características do meio exige a combinação de imagens e sons.

Os editores também escrevem cabeças e pés de matérias e notas que compõem o script do telejornal. Editam reportagens vindas de outras praças e são os primeiros a avaliar se determinada matéria deve ou não cair. Em alguns casos são necessárias duas ou mais horas para editar uma matéria de um minuto e meio. (BARBEIRO, 2002, p. 100)

Para Paternostro (2006), editar um conteúdo é dar sentido a um material bruto que acaba de ser feito.

É “montar a matéria”: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, com começo, meio e fim. Editar requer sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade e paciência. E, sem dúvida, quando falamos de edição em telejornalismo, é preciso acrescentar: fidelidade às informações. Um passo em falso na edição e podemos causar um dano irreparável (PATERNOSTRO, 2006, p. 162).

Barbeiro (2002), traz algumas definições sobre a edição e a função do editor.

A edição começa com a decupagem da fita enviada da rua pela reportagem. O editor deve anotar todos os detalhes das imagens, sonoras, passagens e o off do repórter. Decupada a fita, o editor seleciona o que vai usar, tendo sempre em mente que vai contar uma história com início, meio e fim. O tempo da reportagem é definido pela importância do assunto e a força das imagens. Nem sempre a passagem do repórter é necessária numa edição. A presença forçada, apenas para que ele apareça, pode quebrar a sequência da edição. O que importa é a notícia. A edição precisa de equilíbrio. Off longo seguido de sonora curta ou off curto seguido de sonora longa quebra o ritmo da reportagem. A cobertura do off deve ser feita conjuntamente pelo editor e pelo editor de imagens que, juntos, tem melhores condições de construir uma reportagem. (BARBEIRO, 2002, p. 100)

De acordo com Carvalho (2010), efeitos podem ser utilizados nas reportagens, mas devem ser feitos com equilíbrio, na hora da edição.

Muitos jornalistas confundem linguagem visual interessante com uso de efeitos. Nada mais simplista. É claro que efeitos podem ser usados, mas na medida certa. Caso contrário, a reportagem fica mais parecida com vídeos de aniversário formaturas ou institucionais. Quando bem utilizado, o efeito realça detalhes que queremos que o telespectador preste atenção. Evidentemente que em hipótese alguma podemos alterar a veracidade da informação transmitida pela imagem (CARVALHO, 2010, p. 66).

Curado (2002) define existem três editores importantes dentro de uma redação: texto, arte e imagens. Ela define cada um deles. O editor de texto avalia todas as informações da reportagem, números, informações e imagens e dá um formato para a matéria. Ele é o filtro críticos do conteúdo.

Já o editor de arte “não possui necessariamente formação jornalística, mas tem imensa afinidade com o dia-a-dia da notícia. Possui o talento para traduzir visualmente informações que não podem ser filmadas pela câmera” (CURADO, 2002, p. 53). Curado (2002), define que é crucial o trabalho em conjunto de editor de arte e texto para uma fácil compreensão do telespectador de uma notícia complexa e com poucos recursos visuais.

O editor de imagens era chamado antigamente de cortador ou montador. É o profissional que recebe o material com todas as imagens feitas e seleciona quais estejam melhor adequadas ao texto do repórter (CURADO, 2002).

2.3 FONTES NO TELEJORNALISMO

As fontes no jornalismo são fundamentais para o surgimento de informações que podem acabar se tornando uma reportagem e também para confirmação de boatos relatados por meios não-confiáveis.

Sobre as fontes, Vera Paternostro destaca sobre a fonte que ela é “pessoa, organismo, documento ou instituição que transmite informações ao repórter para

elaboração de uma notícia. A fonte de informação pode manter seu anonimato” (PATERNOSTRO, 2006, p. 205).

Segundo Schmitz, é importante destacar que as informações jornalísticas devem ser plurais com o maior número de fontes.

O jornalista utiliza (as fontes) com o propósito de reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos. [...] pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias, facilitada pelas novas tecnologias, como a telefonia móvel e a internet (SCHMITZ, 2011, p. 23).

De acordo com White (2015), boas fontes são o sangue da vida do jornalismo. Se não houvessem pessoas dispostas a falar conosco ou responder, o jornalismo não iria sobreviver. E para se garantir boas fontes no jornalismo, a proteção da mesma que passa as informações é fundamental.

A proteção das fontes é o ponto de referência fundamental para um jornalismo ético; tem uma posição crítica em relação a criar um ambiente para reportagens que exerçam o papel de vigilância. Garante às pessoas que trabalham dentro de organizações políticas ou grandes empresas que elas podem se sentir confiantes de que se denunciarem corrupção não serão arroladas como vítimas. Quando a proteção é frágil, há menos reportagens jornalísticas sobre a praga da hipocrisia e da duplicidade na vida pública (WHITE, 2015, p. 1).

2.3.1 CLASSIFICAÇÃO

E devido a um leque imenso de pluralidade e diversidade das fontes, que agem de formas distintas e tem qualidades diversas, exige-se uma classificação para que haja uma separação e para que as fontes sejam entendidas. O autor Nilson Lage define e separa as fontes em primárias e secundárias.

A fonte primária é aquela que fornece diretamente o essencial de uma matéria... fatos, versões e números, por estar próxima ou na origem da informação. Geralmente revela dados “em primeira mão”, que podem ser confrontados com depoimentos de fontes secundárias (LAGE, 2001, p. 65).

Nilson Lage define também as fontes secundárias.

É o tipo de fonte que contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária.

Igualmente, é com quem o repórter “repercute” os desdobramentos de uma notícia (suíte). Também é consultada “para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais (LAGE, 2001, p. 66).

Aldo Schmitz em seu trabalho “Classificação das Fontes de Notícias” traz a definição de alguns tipos de fontes que são importantes destacar, pois são utilizadas com bastante frequência no jornalismo. Sobre esse ponto ele destaca que a assessoria de imprensa não é fonte, mas ponte, por intermediar os interesses, opiniões, conhecimentos e relatos de eventos de quem assessora.

Porta-voz é uma pessoa qualificada e autorizada a dar informações, geralmente em momentos de crise ou de ausência da fonte, que reflitam o pensamento oficial da personalidade que representa, normalmente uma alta autoridade, executivo ou celebridade. Comumente chama-se de fonte autorizada ou não autorizada, quem substitui o porta-voz ou a própria fonte quando esta não pode - ou não deseja, ou ainda, desconhece, no caso da não autorizada - formalizar a informação ou a sua opinião, pessoalmente. (SCHMITZ, 2011, p. 24)

Aldo Schmitz caracteriza as fontes em: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e referência. Abaixo as definições para cada tipo de fonte que ele contempla em seu trabalho.

a) OFICIAL: Refere-se a alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário), bem como organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios de ofício, companhias públicas etc.).

b) EMPRESARIAL: É quem representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio. Às vezes suas ações têm interesse comercial e estabelecem relações com a mídia visando preservar a sua imagem e uma reputação ilibada.

c) INSTITUCIONAL: Normalmente, a fonte institucional busca a mídia para sensibilizar e mobilizar o grupo social ou a sociedade como um todo e o poder público, para defender uma causa social ou política (*advocacy*), tendo os meios de comunicação como parceiros.

d) INDIVIDUAL: A fonte individual representa a si mesma. Pode ser uma pessoa comum, uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não fale por uma organização ou grupo social.

e) TESTEMUNHAL: A fonte testemunhal funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora. Desempenha o papel de “portadora da verdade”, desde que relate exatamente o ocorrido, a menos que seja manipulada, daí deixa de ser testemunha.

f) ESPECIALIZADA: Normalmente está relacionada a uma profissão ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos. O jornalista pode não saber, mas conhece quem sabe e recorre ao especialista para estabelecer conexões e analisar a complexidade do tema a ser noticiado; busca informações secundárias ou complementares, notadamente em situação de risco ou conflito, na cobertura de temas complexos ou confusos e no jornalismo científico. Esse tipo de fonte pode fornecer informação factual (fonte primária) ou interpretativa (secundária), conforme a sua expertise.

g) REFERÊNCIA: A fonte de referência aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta. Trata-se de um referencial que fundamenta os conteúdos jornalísticos e recheia a narrativa, agregando razões e ideias.

No telejornalismo, Barbeiro traz algumas orientações sobre como deve ser a relação do jornalista com a fonte.

O jornalista não deve ter amizade pessoal com a fonte. Quem se envolve em amizade pessoal com suas fontes corre o risco de ficar limitado ou influenciado por ela. O uso de fonte identificada, desde que não haja necessidade de protegê-la é fundamental para a credibilidade da imprensa. Prometer anonimato à fonte é um ato para ser cumprido. Antes de empenhar a palavra o jornalista deve questionar os motivos que levam a fonte a pedir o anonimato. (BARBEIRO, 2002, p. 33)

Segundo Barbeiro (2002), o jornalista só deve identificar a fonte caso ela, por culpa ou má-fé, criar uma notícia falsa. O jornalista deve se atentar ao valor da fonte, pois ela pode gerar um furo de reportagem. Cabe ao jornalista checar essa informação.

3. JORNALISMO EM AMBIENTES HOSTIS

Como é tratado aqui de uma cobertura em ambiente hostis, com número elevado de perda de vidas, torna-se necessário comparar com um trabalho em “ambiente de guerra”. Aliás, o jornalismo de guerra é uma das vertentes exploradas pelas emissoras e veículos para cobrir os conflitos no mundo. Sempre será notícia. É um dos trabalhos mais arriscados do mundo, pois coloca o profissional praticamente na linha de frente dos ataques e o deixa da forma mais exposta possível, com relação a outras áreas do jornalismo. Mesmo com toda segurança feita pelo jornalista e assegurada de certa forma pelos veículos, alguns profissionais já perderam a vida cobrindo guerras. De acordo com dados da Organização Não Governamental Comitê de Proteção aos Jornalistas, desde 1992, quando a contagem começou a ser feita, morreram 1189 profissionais de comunicação cobrindo guerras.

Antes de começar a abordar o assunto sob outro prisma, é preciso definir o que é o jornalismo de guerra com mais propriedade. De acordo com Felipe Pena (2005), trata-se de uma atividade que reporta os acontecimentos de um conflito armado para o público.

Kuhn (2005), aponta que o jornalista correspondente de guerra ou enviado especial de guerra, em geral, é uma função alocada para aqueles jornalistas com prestígio dentro das empresas de comunicação.

São profissionais enviados especialmente de seu país de origem ao local do conflito, com a meta de relatar os acontecimentos da forma mais objetiva e imparcial possível, garantindo a compreensão do fato ao leitor, ouvinte ou telespectador. Porém, ao desembarcarem em territórios de guerra, esses profissionais se debatem com poderes estatais e militares, os quais, muitas vezes, exercem forte influência sobre o trabalho jornalístico. (KUHN, 2005, p. 2)

3.1 HISTÓRIA

De acordo com o artigo “a história dos correspondentes brasileiros de guerra e sua relação com o poder estatal e militar”, de Adriana Kuhn, o primeiro relato de correspondente de guerra que se tem informação surgiu em 1854, na Guerra da Crimeia. Esse foi um conflito que durou de 1853 a 1856, na península da Crimeia (no

mar Negro, ao sul da atual Ucrânia), no sul da Rússia e nos Bálcãs. Envolveu de um lado a Rússia e, de outro, uma coligação integrada por Reino Unido, França, Piemonte-Sardenha (na atual Itália) - formando a Aliança Anglo-Franco-Sarda - e o Império Turco-Otomano (atual Turquia). Essa coligação foi formada com o objetivo de conter a expansão russa. A guerra chegou ao fim com a assinatura do tratado de Paris de 30 de março de 1856. E nessa guerra quem teve a tarefa de cobri-la foi o irlandês William Howard, repórter do jornal londrino, The Times, à época. O jornalista ficou mais conhecido por seu trabalho sobre o avanço da carga da Brigada Ligeira britânica sobre os oponentes durante a batalha.

3.2 REQUISITOS PARA SER UM CORRESPONDENTE DE GUERRA

No jornalismo atual, Kunh (2005), relata que os jornalistas e profissionais enviados pelas emissoras para as zonas de conflito são, na maioria das vezes, profissionais com ampla bagagem de coberturas e funcionários antigos das empresas. Existe um medo por parte das emissoras de enviar jornalistas sem experiência para um tipo de cobertura tão complicado.

É possível perceber outros diferenciais em um enviado especial de guerra: geralmente, é um jornalista com prestígio dentro da empresa de comunicação. São conhecidos como os grandes repórteres, porque devem ser capazes de ver a guerra como ela é e comunicar isso da forma mais objetiva possível, apesar das restrições muitas vezes impostas (KUHN, 2005, p. 3).

O autor Felipe Pena discorre sobre os requisitos para ser um correspondente de guerra. Para ele, o primeiro requisito para exercer a função é ter maior experiência em redação.

(É necessário que se) tenha em mente que todos os jornalistas de veículos responsáveis passam por um longo treinamento antes de irem para o front. E o treinamento não é só jornalístico: inclui técnicas de sobrevivência e até manuais de guerrilha. Além disso, há algumas cidades de países aparentemente pacíficos em que determinados trechos já são considerados zonas de guerra. E você pode estar vivendo neles (PENA, 2005, p. 222).

3.3 RECOMENDAÇÕES AO PROFISSIONAL NA GUERRA

O site internacional da ONG Comitê de Proteção aos Jornalistas escreveu um Guia com recomendações para os repórteres que atuam em zonas de conflitos e, claro, em situações perigosas. As principais recomendações são: treinamento intensivo, identificação clara e visível, uso de equipamento de segurança, uso de equipamento de primeiros socorros, conhecimento cultural, conhecimento da geografia, montagem de rede de fontes locais e comunicação diária com a redação.

3.4 JORNALISTA DE GUERRA E O JORNALISMO INTERNACIONAL

Existe uma correlação entre o trabalho do jornalismo de guerra e o trabalho do correspondente internacional. Com a crise econômica mundial e com o corte de correspondentes de diversos países, as emissoras optam por puxar seus principais jornalistas que estão no exterior para cobrir guerras. Esses jornalistas são deslocados para a zona de conflito. Poucos veículos atualmente enviam profissionais do Brasil para a finalidade específica de cobrir guerras e/ou conflitos.

O correspondente internacional, Joshua Hammer (2014), em seu artigo “Caminhos e desafios do jornalismo internacional” fala sobre o assunto. Ele fala sobre a mudança no perfil de cobertura das empresas.

O que mais impressiona na cobertura é a diferença das pessoas que a fazem, em relação a dez anos atrás. Os correspondentes veteranos, da chamada mídia tradicional, que antes inundavam as regiões em crise, desapareceram. Em seu lugar, surgiu um exército de empresas novatas: repórteres de novos veículos, como a Vice Media ou o “BuzzFeed”, e jornalistas freelancer cobrem as tarefas juntos (HAMMER, 2014, p. 1).

Para entender essa relação do jornalismo internacional com o jornalismo de guerra, é necessário conhecer também a definição de jornalismo internacional.

Jornalismo internacional é aquele que trabalha com fatos que acontecem além das fronteiras do país onde fica o jornal. Muitas vezes, esses mesmos fatos, por serem de origem econômica, científica ou ainda esportiva, entre outros, entram no jornal em suas respectivas editorias, sem estarem diretamente localizados na parte que diz respeito ao jornalismo internacional. (PENA, 2005, p. 119)

Segundo Pena (2005), as principais características desse tipo de jornalismo são a objetividade, a falta de detalhamento e a tensão existente entre os diferentes temas das notícias. É importante destacar que

A objetividade e a falta de detalhamento caminham lado a lado. Como em fatos internacionais o campo a ser relatado é muito maior, na maioria das vezes é difícil que um órgão de imprensa consiga apurar todos os fatos e, por isso, a escolha das informações corretas é tão importante (PENA, 2005, p. 119).

Pena (2005) diz que os assuntos que têm maior abordagem nas coberturas internacionais no Brasil são ligados aos Estados Unidos, como a política interna e externa, o governo americano e ataques terroristas. O Oriente Médio também tem espaço, assim como atentados terroristas no mundo inteiro.

Se não for um correspondente estrangeiro, o jornalista especializado na cobertura internacional de uma emissora de televisão tem o mesmo trabalho de um profissional dessa área em um jornal impresso. Com a diferença de que deve se preocupar com as imagens. Por motivos óbvios, esse profissional não é um repórter, mas sim um editor. Ele é responsável pela coleta de informações a partir da própria redação (PENA, 2005, p. 123).

E o texto para televisão do jornalismo internacional deve ser como todos os outros tipos de texto para televisão. De acordo com Felipe Pena (2005), as características principais são a concisão, a objetividade, a clareza e a simplificação. Felipe define que a relação dos jornalistas internacionais com as fontes deve ser estreitamente profissional.

O profissional especializado em jornalismo internacional deve ter fontes estratégicas em organizações não governamentais, universidades e centros de pesquisa internacionais, além de boas agências de notícias e alguns políticos bem relacionados. Com esse grupo de fontes é possível estabelecer uma visão geral dos fatos que acontecem em outros países sob diversos ângulos. [...] A relação com essas fontes deve ser estritamente profissional. Tanto o repórter como a fonte estão atuando com algum objetivo, portanto deve haver respeito entre ambos. Em virtude do enfoque em assuntos estrangeiros, no jornalismo internacional não há tanta intenção de barganha por parte das fontes como acontece nas demais editorias. (PENA, 2005, p. 125).

A fluência em outra língua para o repórter internacional é fundamental para que a cobertura jornalística fora do Brasil seja feita com êxito.

É necessário que o jornalista fale pelo menos uma língua estrangeira, o inglês de preferência. Nas áreas empresariais e científicas, é comum surgirem

entrevistas em língua estrangeira. Ainda que o entrevistado seja alemão, é provável que fale inglês, e a comunicação fica mais fácil. Quando é uma entrevista coletiva, geralmente há um intérprete. No sufoco de uma entrevista repentina, melhor lembrar rapidinho de palavras básicas para formular pelo menos uma ou duas perguntas (ESTEVES, 1990 apud BRITTO, 2016 p. 7).

A autora Britto (2016), relata que o correspondente internacional não pode ser uma mera representação de que o material que o público assistiu é uma versão nova dos fatos, diferente que foi publicado pelas empresas jornalísticas que dependem das notícias de agências internacionais.

4. NEWSMAKING E GATEKEEPER

A teoria de Newsmaking será utilizada com teoria jornalística para a análise desse trabalho. Sobre essa vertente do jornalismo, o autor Mauro Wolf no livro “Teorias das Comunicação de Massa” aborda seus fundamentos. O autor destaca que “a noticiabilidade está ligada aos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção: ela equivale a introduzir práticas de produção estáveis numa ‘matéria-prima’ (os acontecimentos do mundo), por sua natureza imprevisível (WOLF, 2003, p. 196). O autor destaca que:

A notícia é o produto de um processo organizado, que implica uma perspectiva prática sobre os eventos, voltada a representa-los a dar estimativas simples e diretas sobre suas relações, e a fazer isso de modo que consiga atrair a atenção dos telespectadores. (ALTHEIDE apud WOLF, 2003, p. 197).

A pesquisa proposta se encaixa na teoria de Gatekeeper porque o jornalista responsável pelas decisões no telejornal tinha o poder de decisão do que entraria no ar ou não. Além disso, esse profissional também é responsável pela forma, tempo e abordagem do que será veiculado no telejornal.

O conceito dela se refere à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar uma informação ou se a bloqueia. Diante de um grande número de acontecimentos e fatos que ocorrem diariamente, o gatekeeper é o responsável por escolher quais vão virar notícia para o telejornal ou não. E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o gatekeeper), que é o próprio jornalista. Ele é o responsável pela progressão da notícia ou por sua “morte”, caso opte por não prosseguir, o que significa evitar sua publicação (PENA, 2005, p. 132).

“As empresas jornalísticas precisam colocar ordem no espaço e no tempo, diante da imprevisibilidade do tempo. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. São dessas práticas que se ocupa a teoria do newsmaking” (PENA, 2005, p. 130). Felipe Pena define.

Como conceito, ela é um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias. A noticiabilidade é negociada entre repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação baseia-se nos valores notícia, que são os tais critérios e operações usadas para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia. (PENA, 2005, p. 130-131).

Segundo Hanzen (2015), a Teoria do Gatekeeper ou Teoria da Ação Pessoal, coloca o jornalista como peça central na análise e seleção de uma notícia. O autor enfatiza que a teoria vê o jornalista como “um *gatekeeper*, isto é, como um porteiro ou, contextualizando, o principal responsável pelo processo de seleção do que é ou não notícia, do que vai ou não ser publicado” (HANZEN, 2015, p. 1).

A Teoria da Ação Pessoal levanta a ideia de que os valores ou interesses pessoais do jornalista são determinantes no processo de seleção do que virá ou não a ser notícia. Ou seja, a teoria pressupõe que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam. (HANZEN, 2015, p. 1).

O papel do gatekeeper é o de selecionador. É quem permite ou impede que determinados conteúdos sigam seu caminho, exercendo a função de ‘filtro das notícias’, no caso do Jornalismo. Este processo seletivo está presente em vários meios sociais. Entretanto, estudos revelam que no fluxo de notícias a atividade do gatekeeper supera a característica individual, devido à “ideia de seleção como processo ordenado hierarquicamente e ligado a uma rede complexa de feedback”. (WOLF, 2005, p. 186).

O telejornal, Jornal Nacional, tem por volta de 45 minutos de duração, em edições de segunda a sexta-feira. Para que o telespectador fique bem informado, há uma seleção das notícias que vão ou não para o ar todos os dias.

Tanto o desenvolvimento da pauta quanto a escolha dos assuntos que vão ser abordados no telejornal são, e, geral, resultado de reuniões o pauteiro, editores, chefe de reportagem, chefe de redação e diretor de telejornalismo. A ordem, a duração, a divisão em blocos das reportagens que vão ao ar no telejornal – o que compõem o chamado espelho de um telejornal – costuma ser resultado de uma nova reunião entre o editor-chefe do jornal, o chefe de reportagem, o chefe de redação e o diretor de telejornalismo (MACIEL, 1995, p. 29).

Para Westley e Maclean (1957), o gatekeeper é um fenômeno essencialmente organizacional, regulado por um critério de noticiabilidade.

É notícia aquilo que os jornalistas, dentro de uma organização noticiosa, presumem que o seu público quer, em parte devido ao feedback que este disponibiliza. A organização noticiosa começou definitivamente, a ser entendida como um fator de constrangimento mais relevante do que a

subjectividade do jornalista. (WESTLEY; MACLEAN, 1957, apud SOUSA, JORGE, 2015, p. 17).

Como na sexta-feira (13), dia dos atentados a Paris, os editores, juntamente com outros jornalistas, tiveram que decidir o que iria ao ar ou não no jornal para que se pudesse cobrir da melhor forma possível os ataques. Segundo o que foi noticiado, o primeiro ataque foi registrado por volta de 21h20 (horário de Paris), 18h20 (horário oficial de Brasília). O Jornal Nacional começa diariamente por volta de 20h30, então, com duas horas e dez minutos antes do jornal começar, os editores, chefes de jornalismo e o editor-chefe tiveram que começar a analisar os fatos para avaliar como seria a cobertura.

Com a gravidade dos atos e o número de pessoas envolvidas, inclusive com mortes, foi “concedido” tempo maior para que fossem noticiados os ataques a Paris e foi decidido, de acordo com o que foi visto no telejornal, que abordagem inicial no dia dos atentados seria “factual”.

No caso da pesquisa abordada nesse trabalho, o gatekeeper também teve o trabalho de seleção do conteúdo abordado em todos os dias escolhidos para a análise. O “porteiro” teve o papel de selecionador para o que seria noticiado no jornal no dia seguinte e a forma como seria feito.

5. METODOLOGIA

Para fazer a análise desse trabalho sobre o material veiculado no Jornal Nacional dos atentados de Paris em novembro do ano passado, é importante montar as estratégias metodológicas e que elas sejam explicadas.

5.1 MÉTODO DO TRABALHO

Estratégias metodológicas empregadas para esse trabalho incluem a análise de texto das reportagens veiculadas no Jornal Nacional, da TV Globo de Televisão, sobre os atentados que aconteceram no dia 13 de novembro de 2015. Para explicar o método, parte-se da premissa de que a análise crítica desses conteúdos que foram veiculados (sobre a tragédia na capital francesa) podem detalhar e explicar que tipo de cobertura foi feita pelo telejornal escolhido. Bardin nos traz importantes pistas sobre como realizar uma análise de conteúdo.

O que é análise de conteúdo *actualmente*? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O *factor* comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 1977, p. 9)

Segundo Bardin (1977), a análise do conteúdo trabalha a palavra, ou seja, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Ela também faz um comparativo entre a linguística e análise de conteúdo.

Contrariamente à linguística, que apenas se ocupa das formas e da sua distribuição, a análise de conteúdo toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas (índices formais e análise de *co-ocorrência*). É o trabalhar a palavra e as significações que diferencia a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (BARDIN, 1977, p. 43-44)

Para a análise textual desse trabalho foram coletados 38 tipos de material jornalístico que foram ao ar no Jornal Nacional sobre o tema dos atentados em Paris

no dia 13 de novembro de 2015. Foram coletadas reportagens, links e notas cobertas. O material que foi escolhido está disponível na internet no sítio globoplay.globo.com. Assim, foram catalogados 38 materiais jornalísticos que foram veiculados entre os dias 13 de novembro (dia do atentado) e 27 de novembro, período de 15 dias.

Para chegar até o material da pesquisa, dentro do sítio da Globo foram utilizados no site os filtros no campo 'pesquisa': "atentados paris", "ataques terroristas paris" a cada dia. Foi acessado através das abas "jornalismo", "jornal nacional" e depois levando a barra de rolagem até o dia que aconteceu o ataque terrorista.

O intuito da análise dos textos do material que foi veiculado no Jornal Nacional nesse período de 15 dias sobre os atentados na França é para entender se o conteúdo que foi ao ar é somente conteúdos "factuais" ou se houve material "contextualizado" dos acontecimentos.

5.2.1 PROCEDIMENTO

Para realizar a análise desse projeto, são primeiramente catalogados os materiais relacionados aos atentados de Paris que foram veiculadas no Jornal Nacional entre os dias 13 e 27 de novembro de 2015. Esse material está disponível em formato de tabela no "Apêndice A" do trabalho. Após catalogado, o material é enumerado de acordo com a ordem de veiculação no telejornal e também com a data em que foi veiculado. Todo o material que foi ao ar será categorizado de acordo com a data, estilo jornalístico, nome que foi dado para o material, repórter e/ou apresentador responsável e também o tempo que ficou no ar ou tempo de material.

Primeiramente são separados todos os materiais. Para categorizá-los, ajudar e facilitar o trabalho de análise, são distribuídos conteúdos com os seguintes itens: número, dia, tipo de material, título, link, repórter e tempo.

Sobre a categorização, é importante destacar segundo Bardin (1977), as categorias, são "rubricas ou classes", que designam um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genéricos "Uma operação de categorização de elementos constitutivos de um conjunto, por

diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN: 1977, p. 117). Para Bardin (1977), o critério de categorização pode ser semântico, sintático, léxico e expressivo. A autora explica cada um desses itens.

Semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto que os significam a descontração ficam agrupados sob o título conceptual “descontração), sintático (os verbos, *adjectivos*), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinónimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem. (BARDIN, 1977, p. 117).

Para que elementos sejam classificados em categorias, deve haver uma investigação para que se descubra o que cada um tem em comum. É preciso frisar que “O que vai permitir o seu agrupamento, é a parte comum existente entre eles. É possível, contudo, que outros critérios insistam noutros aspectos de analogia, talvez modificando consideravelmente a repartição anterior” (BARDIN, 1977, p. 118).

Segundo Bardin (1977), a categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas que são o inventário (isolar elementos) e a classificação (repartir elementos e impor uma organização).

A categorização pode empregar dois processos inversos: É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Este é o procedimento por “caixas” de que já falámos, aplicável no caso da organização do material decorrer *directamente* dos funcionamentos teóricos hipotéticos. O sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por “milha”. O título conceptual de cada categoria, somente é definido no final da operação. (BARDIN, 1977, p. 119)

Em cada material verificado neste trabalho, é observado o texto que foi ao ar. Na análise, é colocado o título do período correspondente e feito um pequeno resumo sobre o que é dito no material.

O procedimento metodológico que divide a análise da cobertura do Jornal Nacional sobre os atentados de Paris em três fases. O atentado na França aconteceu no dia 13 de novembro, portanto, esse dia conta como um dia de cobertura. O telejornal deu espaço para o acontecimento, segundo pesquisa feita no site da TV

Globo, até o dia 27 de novembro. Este último dia também entra na contagem como cobertura jornalística do fato. Então conclui-se que a cobertura aconteceu entre os dias 13 e 27 de novembro de 2015, um período de 15 dias. Com a divisão em três períodos de cinco dias cada. As reportagens serão divididas da seguinte forma:

- a) Reportagens compreendidas entre os dias 13 e 17 de novembro de 2015.
- b) Reportagens entre os dias 18 e 22 de novembro de 2015.
- c) Reportagens entre os dias 23 e 27 de novembro de 2015.

A partir da avaliação dos materiais relacionadas aos atentados em Paris e coletados no sítio eletrônico <http://www.globoplay.com>, parte-se da hipótese de que as reportagens podem ser categorizadas das seguintes formas:

- a)** Factual – Abordagem dos fatos cotidianos (ou não) com apuração da notícia de forma simples e objetiva. Esse tipo de jornalismo não leva em conta a investigação dos fatos e nem o contexto, mesmo tendo apuração dos acontecimentos em sua raiz. A notícia factual é produzida de forma mais enxuta, rápida e perde validade depois de um certo tempo. Utilizando um termo jornalístico, a notícia fica “velha”.
- b)** Investigação – Conteúdo com investigação mais profunda sobre os acontecimentos. Esse estilo de produção abandona o factual e vai mais afundo na história buscando novos fatos não abordados na notícia factual.
- c)** Politização do atentado – Se os atentados geraram politização em outros países do mundo. Por exemplo, se os atentados geraram comoção em outros governos, se presidentes prestaram solidariedade e apoio a França.
- d)** Contexto - Matérias que criaram contextualizações com outros fatos. Produções que deixaram de lado o factual se aprofundaram na investigação dos fatos, buscando entender todo o contexto da história dos acontecimentos, olhando todos os lados. Criando um material com um período maior de apuração e mais tempo de duração no ar.

6. ANÁLISE

Para analisar o material coletado, é realizada uma observação de acordo com a data do material e da amostragem abaixo.

6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

a) **Material compreendido entre os dias 13 e 17 de novembro de 2015**

Nas reportagens colhidas entre os dias 13 e 17 de novembro, o material predominante diz respeito as primeiras informações dos ataques na capital francesa. Nos primeiros cinco dias da cobertura, as reportagens abordaram os detalhes dos ataques, a forma como os franceses tentavam entender o que acontecia naquele momento.

O Jornal Nacional também abordou nos materiais as informações das vítimas como personagens da narrativa, os brasileiros na França e a situação de cada um deles, os possíveis responsáveis, o apoio de outros países a França, as investigações, outros atentados recentes e perfis prováveis dos terroristas. Foi veiculada também uma reportagem um dia após os atentados em que é contada de forma resumida a histórica do Estado Islâmico, grupo que assumiu a autoria dos atentados.

Como na matéria veiculada no dia 13 de novembro onde a apresentadora do Jornal Nacional, Renata Vasconcelos, informou que aconteceram atentados terroristas na França, que naquele primeiro momento teriam deixado pelo menos 40 mortos. A emissora informou que foi, então, chamado de Londres o correspondente, Roberto Kovalick. Ele disse que as informações primeiramente eram desconhecidas. Aconteceram três ataques terroristas com armas “kalashnikov”. O principal ponto de ataque foi a casa de shows Bataclan, onde 100 pessoas ficaram sob o poder dos sequestradores. Foram informados ataques em diversos pontos. A polícia fechou diversas ruas francesas e estava procurando os responsáveis pelos atentados.

No dia seguinte aos ataques, foi veiculada reportagem com o nome “Grupo terrorista Estado Islâmico choca o mundo com crimes bárbaros”. O apresentador

William Bonner leu a seguinte cabeça³ para o material (2016): “A brutalidade é marca registrada do Estado Islâmico. Um exército terrorista que controla uma faixa vasta de território no Oriente Médio e que tem como maior objetivo eliminar quem não pensa como eles”. Ao produzir a reportagem o repórter especial, Tonico Ferreira, conta a história do grupo Estado Islâmico, que assumiu a autoria dos atentados. A origem do EI é contada, a escolha do nome e a filosofia do grupo, que é baseada no Islamismo. O grupo foi caracterizado na reportagem como pregador de um “Islamismo distorcido, ultrarradical e totalitário”.

O repórter descreve que o Estado Islâmico usou as redes sociais para recrutar membros e para divulgar as execuções, ameaças e sequestro. Foi descrito que o grupo trabalha de forma armada e que compra seu armamento através de sequestros, venda de petróleo nas áreas ocupadas e roubos a bancos. Segundo informações relatadas na reportagem, o serviço de inteligência americano estima que o grupo tenha entre 20 e 32 mil combatentes. O EI diz que são mais de 200 mil integrantes, entre voluntários e pessoas forçadas a entrar.

O especialista e professor de Direito Internacional da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Salem Nasser, explicou que o grupo conhece táticas de guerrilha e que os integrantes são bem treinados para ataques. Os integrantes têm conhecimento de táticas de combate e que sabe se defender da polícia. Na reportagem que foi ao ar no dia 16 de novembro, por exemplo, a correspondente internacional Cecília Malan informou que promotores franceses estavam investigando se terroristas que atacaram a capital francesa entraram na Europa através da imigração. O governo suspeitava que as impressões digitais de um dos homens-bomba que estava próximo ao Stade de France no momento dos ataques foram registradas em um dos postos de controle da Grécia no início de outubro do ano passado.

b) Material compreendido entre os dias 18 e 22 de novembro de 2015

³ Texto lido pelo apresentador para “chamar” a reportagem. É a introdução dos assuntos antes da entrada do VT.

No material compreendido entre 18 e 22 de novembro de 2015, o Jornal Nacional manteve a linha do jornalismo factual sobre todos os detalhes sobre os atentados. Investigadores franceses buscavam pistas sobre os terroristas do Estado Islâmico. Além de tentar encontrar informações sobre os participantes dos ataques, as autoridades buscaram saber se não haveria outro atentado no país. A capital francesa recebeu proteção policial reforçada após os ataques. A polícia do país realizou diversas operações tentando encontrar outros terroristas na França.

O foco dos materiais do telejornal teve um viés na busca das autoridades francesas aos terroristas. A repercussão sobre as vítimas também ganhou espaço. O presidente da França, François Hollande pediu reportagem veiculada no dia 18 de novembro onde o correspondente chefe da TV Globo em Londres, Roberto Kovalick, noticiou que uma operação contra terroristas na França que terminou com duas pessoas mortas. Na matéria, Kovalick conta que 110 agentes das forças especiais francesas atacaram um dos abrigos do Estado Islâmico no país. O local foi identificado a partir de escutas telefônicas. O esconderijo era em Saint-Denis, cidade nos arredores da capital francesa. O prédio estava localizado a 500 metros do Stade de France, local de um dos ataques no dia 13 de novembro.

A notícia é que a Polícia Francesa suspeitava que terroristas estavam planejando um novo ataque, dessa vez no bairro de La Défense, onde está localizado o centro financeiro de Paris. Uma prima do mandante dos ataques à Paris, Abdelhamid Abaaoud, explodiu um colete com explosivos. O telefone da mulher era o que continha o grampo telefônico. Um outro terrorista morreu e cinco policiais ficaram feridos na operação. As autoridades prenderam oito pessoas. A inteligência francesa suspeitava que o mandante dos ataques estava no apartamento invadido, mas a hipótese não foi confirmada.

Na reportagem que foi ao ar no telejornal no dia 18 de novembro, o correspondente em Nova York, Fábio Turci, descreveu a história do grupo Estado Islâmico, que nasceu no Iraque no início dos anos 2000 após a invasão de tropas norte-americanas ao país. Os militares tiraram do poder Haddam Hussien, que era adepto da corrente sunita do Islamismo e apoiaram um governante da corrente xiita.

A reportagem trouxe um dado de que os sunistas⁴ são maioria no país com 60% da população, enquanto que os sunitas representam 32%. Com a maioria e sem representante, resolveram se juntar ao Estado Islâmico, que se diz sunita.

O material traz que o Estado Islâmico se apropriou de refinarias de petróleo no Iraque e na Síria e é através do contrabando que consegue a maior parte da verba que precisa para financiar a organização. Segundo informações da matéria, o grupo extrai 44 mil barris de petróleo da Síria todos os dias. No Iraque são 4 mil. O produto é vendido abaixo do valor de mercado e estima que é arrecadado pelo grupo US\$ 3 milhões por dia. Os terroristas também roubam comerciantes, fazem tráficos de peças antigas e cobram resgate pelos reféns.

Segundo a apuração da reportagem, o dinheiro do grupo serve também para pagar salário para os integrantes do grupo. Estima-se que cada combatente receba US\$ 350 por mês. É feita uma comparação que o valor destinado para um terrorista é cinco vezes maior do que recebe um cidadão sírio nas áreas ocupadas.

Outra notícia veiculada no dia 19 de novembro de 2015, quando onde a apresentadora do Jornal Nacional, Renata Vasconcellos, leu uma nota sobre uma das vítimas dos ataques seis dias antes. Uma grávida ficou pendurada em uma janela num local de ataque de terroristas. A mulher ficou apoiada com as mãos em janelas. Ela pedia que fosse amparada por quem estivesse embaixo do prédio, alegando que estava grávida. Um homem que estava ao lado dela resolveu ajudar, mas os dois foram capturados por terroristas e mantidos reféns por cerca de duas horas, segundo a reportagem.

Eles foram libertados após a chegada da polícia francesa. O homem, a mulher e o bebê, de acordo com apuração da reportagem, passavam bem após o ataque.

c) Material compreendido entre 23 e 27 de novembro de 2015

⁴ Segundo a BBC (2016), muçulmanos sunitas se consideram o ramo ortodoxo e tradicionalista do islã. A palavra sunita vem de "Ahl al-Sunna", ou "as pessoas da tradição". A tradição, neste caso, refere-se a práticas baseadas em precedentes ou relatos das ações do profeta Maomé e daqueles próximos a ele.

Nas duas reportagens veiculadas no período entre 23 e 27 de novembro, foram mostrados no Jornal Nacional que foi encontrado mais um suspeito dos ataques a capital francesa no dia 13. O segundo material do período é de uma homenagem feita pelos franceses aos mortos nos ataques do Estado Islâmico na sexta-feira (13).

O primeiro material do dia 24 de novembro traz que a polícia francesa revelou detalhes sobre a movimentação dos terroristas que atacaram Paris. Os investigadores apontaram que Mohamed Abrini dirigiu um dos carros do atentado. Ele foi flagrado ao Norte da capital francesa com outros participantes dos ataques. A Polícia revelou que o mandante dos ataques, Abdelhamid Abaaoud, voltou a cena dos crimes após os atentados. Dados apurados pela reportagem mostraram que ele esteve em frente à casa de show Bataclan e dois restaurantes atingidos após a sexta-feira dos ataques. As informações francesas indicavam que ele estaria planejando atacar o centro financeiro de Paris.

A reportagem do correspondente especial, Pedro Vedova, também mostrou a despedida dos italianos a um conterrâneo que foi morto no Bataclan pelos terroristas do Estado Islâmico.

Na segunda reportagem veiculada no período, dia 27 de novembro, o governo francês realizou uma homenagem aos mortos nos atentados de Paris. Parentes e sobreviventes se uniram a parlamentares franceses para saudar e lembrar as pessoas que morreram por contas dos ataques ao Estado Islâmico. Os nomes de todos eles foram falados.

RESULTADOS

A partir da análise feita para esse trabalho, foi possível verificar que o material veiculado pelo telejornal da Rede Globo, Jornal Nacional, priorizou o gênero factual em detrimento de contextualizar. Das 38 matérias observadas, 20 são factuais, dez são investigativas, seis são politizadas e duas são educativas. Sobre os atentados, 20 reportagens separadas referente a cobertura dos ataques de Paris são voltadas para a busca pelos terroristas, apoio de outros líderes mundiais aos franceses, a repercussão dos ataques e o estado das vítimas. Para chegar a conclusão sobre os conteúdos foram analisados aspectos da reportagem como o texto, o tipo de material veiculado, o tempo que foi disponibilizado, a edição, se tinha entrevistas, personagens e se o conteúdo vinha de agências de notícias estrangeiras.

Somente duas reportagens das 38 que foram coletadas para esse trabalho contextualizaram sobre questões como: quem é o Estado Islâmico, quando foi criado, o que ele prega, quem são seus terroristas, como agem, o por que realizou os atentados e quem foi o responsável do EI sobre os ataques. Primeiramente, as notícias veiculadas entre os dias 13 e 17 foram construídas através das primeiras informações que chegavam. No primeiro momento, o material teve aspecto mais factual para poder informar sobre os acontecimentos e a situação das vítimas. As informações ainda eram desconhecidas por conta do volume de fatos que aconteceram na capital francesa e pelas notícias ainda desconhecidas.

Após o primeiro momento e investigações da polícia francesa, os autores dos atentados foram revelados e muitas informações começaram a surgir. Com esse conteúdo novo, o telejornal produziu somente entre muitas reportagens um material, intitulado "Grupo terrorista Estado Islâmico choca o mundo com crimes bárbaros", produzido pelo repórter Tônico Ferreira e que foi ao ar no dia 14 de novembro de 2015, um dia após os atentados.

O direcionamento do material nos dias seguintes continuou para os atentados, a busca pelos terroristas, o perfil dos combatentes do Estado Islâmico e a repercussão em todo o mundo das mortes e da violência do grupo terrorista. Com novas informações, foi veiculado no dia 18 de novembro de 2015 uma nova reportagem,

chamada "Estado Islâmico usa divisões entre muçulmanos para conquistar adeptos", feita pelo correspondente em Nova York, Fábio Turci.

O período entre o dia 18 e 27 de novembro de 2015 teve foco nas investigações, com a polícia procurando mais terroristas na cidade e a inteligência francesa tentando evitar novos ataques, o que de fato ocorreu. As autoridades conseguiram desmontar um ataque que aconteceria ao Centro Financeiro de Paris.

Vale destacar que das 38 reportagens veiculadas no Jornal Nacional sobre os atentados de Paris no período de pesquisa escolhido, somente duas tinham conteúdo que pudesse fazer o telespectador entender um pouco mais sobre o pré-atentado e pós-atentado. Quem assistiu os dois materiais descritos pôde entender um pouco mais sobre a dinâmica internacional, o que levou ao grupo Estado Islâmico atacar Paris e as consequências dessas ações.

7. CONCLUSÃO

De acordo com o estudo, o papel do estilo factual de jornalismo é informar com mais rapidez. Contudo, esse estilo peca pela falta de apuração mais profunda do fato. As coberturas jornalísticas que focam mais no factual trazem informações com mais agilidade para o público, mas não há profundidade no conteúdo. Esse estilo ganha em audiência e informação, mas perde, de certa forma, em qualidade de apuração.

O estilo investigativo de reportagem é o oposto do que o factual propõe no jornalismo. Enquanto o primeiro busca a agilidade da informação e informar primeiro, enquanto que, o estilo investigativo busca a contextualização e a profundidade na apuração de fatos e acontecimentos. A investigação dos fatos também é importante para poder mostrar ao telespectador aspectos e detalhes que não foram abordados no factual.

Os dois estilos de jornalismo se complementam, pois, o factual traz as primeiras informações para o telespectador, deixando quem assiste a par do que está acontecendo. E o investigativo complementa o primeiro com investigações e apuração mais completa sobre uma notícia.

Entende-se que para um telejornal de grande importância no país, sendo um dos mais assistidos pela população brasileira, um conteúdo contextualizado deveria ter sido abordado de forma mais frequente. Os materiais deveriam ter abordado de forma mais ampla e frequente sobre todos os aspectos dos ataques, e não somente os atentados em si e a busca por quem realizou.

O papel do jornalismo é informar a população acerca de todos os fatos de um acontecimento. Na cobertura, os ataques tiveram destaque e grande repercussão entre os dias delimitados na pesquisa. Mas o conteúdo mais investigativo, que foge do factual, que buscar aprofundar a pesquisa e a discussão jornalística sobre um fato, não foi abordado de forma mais ampla. Da forma feita pelo telejornal, com duas reportagens com a forma mais contextualizada, a cobertura ficou prejudicada no sentido de informar mais a população.

REFERÊNCIAS

- ATAQUES em Paris: o que se sabe até agora. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/ataques-em-paris-o-que-se-sabe-ate-agora.html>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- ATAQUES coordenados aterrorizam Paris e deixam 129 mortos. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706236-policia-francesa-registra-tiroteio-e-explosao-em-paris.shtml>>. Acesso em: 29 nov. 2015
- A SEQUÊNCIA dos ataques em Paris. Disponível em <<http://especiais.g1.globo.com/mundo/2015/cronologia-dos-ataques-em-paris/>>/ Acesso em 18 nov. 2015.
- BANDEIRA, Ana Paula. **“Interesse” ou “interesse do”**: mais que uma questão de preposição. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed698_interesse_ou_interesse_do__mais_que_uma_questao_de_prep-osicao/>. Acesso em: 20 maio 2016.
- BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª Ed. Lisboa: Edições 70, Ltda, 1977.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRITTO, Denise Fernandes. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>>. Acesso em: 22 de maio de 2016.
- CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV**: como fazer, produzir, como editar. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CURADO, Olga. **A notícia na tv**. O dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.
- FERREIRA, Fábio Gonçalves. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**: estado de arte. Disponível em <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114>>. Acesso em: 7 abr. 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- HAMMER, Joshua. **Caminhos e desafios do jornalismo internacional**. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da->

imprensa/_ed830_caminhos_e_desafios_do_jornalismo_internacional/>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

HANZEN, Elstor. **Novas Teorias sobre a produção jornalística**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/novas-teorias-sobre-a-producao-jornalistica/>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

KUHN, Adriana. **A história dos correspondentes brasileiros de guerra e sua relação com o poder estatal e militar**. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/A%20HISTORIA%20DOS%20CORRESPONDENTES%20BRASILEIROS%20DE%20GUERRA%20E%20SUA%20RELACaO%20COM%20O%20PODER%20ESTAT AL%20E%20MILITAR.doc>> Acesso em: 15 maio 2016

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2003.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão: normas e práticas**. 1ª Ed. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1995.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MORAES, Thiago. **Mini-glossário do telejornalismo**. 03 mar. 2013. Disponível em <<http://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>>. Acesso em: 1 de jun. 2016.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de Redação em Jornalismo: o texto da notícia**. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2012.

PADIGLIONE, Cristina. **Telejornal cresce no Ibope**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/telejornal-cresce-no-ibope/>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. **Os Estudos do Jornalismo após 1950: a consolidação do campo científico**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estudos-jornalisticos-apos-1950.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SCHMITZ, Aldo. **Classificação das Fontes de Notícia**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

TV GLOBO. **Jornal Nacional – Edição de sexta-feira, 13 nov. 2015** - Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/4608300/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**: leitura e crítica. 1ª Ed. São Paulo: Livraria Martins e Fontes Editora Ltda, 2003.

WHITE, Aidan. **A importância da proteção das fontes de informação jornalística**. Disponível em < <http://observatoriodaimprensa.com.br/privacidade/a-importancia-da-protecao-das-fontes-de-informacao-jornalistica/>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

APÊNDICE A - TABELA REPORTAGENS JORNAL NACIONAL

Nº	DIA	TIPO DE MATERIAL	TÍTULO	LINK	REPÓRTER	TEMPO
1	13/11/15	LINK	Atiradores deixam pelo menos 40 mortos em pontos diferentes de Paris	http://globoplay.globo.com/v/4608111/	Roberto Kovalick	03:00
2	13/11/15	LINK	Presidente francês confirma que os tiroteios e explosões foram ataques terroristas	http://globoplay.globo.com/v/4608245/	Roberto Kovalick	06:00
3	13/11/15	LINK	Alguns reféns começam a ser liberados em boate, alvo de atentado, em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4608258/	Roberto Kovalick	01:00
4	13/11/15	LINK	Obama oferece ajuda ao governo francês nas investigações do atentado	http://globoplay.globo.com/v/4608237/	Sandra Coutinho	02:00
5	13/11/15	LINK	Número de mortos em Paris já passa de 60	http://globoplay.globo.com/v/4608150/	Roberto Kovalick	04:00
6	14/11/15	NOTA COBERTA + VT	Explosão perto do Stade de France iniciou série de ataques em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4609977/	Renata Vasconcellos + Carolina Cimenti	05:00
7	14/11/15	VT	Terroristas do Bataclan falavam árabe e francês, segundo sobreviventes	http://globoplay.globo.com/v/4610014/	Roberto Kovalick	05:00
8	14/11/15	VT	Estado Islâmico diz que ataques em Paris foram os primeiros de uma série	http://globoplay.globo.com/v/4610012/	Bianca Rothier	05:00
9	14/11/15	VT + LINK	Três brasileiros estão entre os feridos nos ataques em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4609970/	Ilze Scamparini	04:00

10	14/11/15	VT	Líderes europeus demonstram solidariedade após ataques em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4610001/	Cecília Malan	04:00
11	14/11/15	LINK	Obama convoca Conselho de Segurança Nacional para discutir atentado em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4610028/	Fábio Turci	03:00
12	14/11/15	VT	Países traumatizados com atentados terroristas redobram a atenção	http://globoplay.globo.com/v/4610013/	Márcio Gomes	03:00
13	14/11/15		Parentes de brasileiros na França contam os momentos de desespero por notícias	http://globoplay.globo.com/v/4610026/	Graziela Azevedo	03:00
14	14/11/15	VT	Relembre os ataques terroristas mais graves em países democráticos	http://globoplay.globo.com/v/4610036/	Jorge Pontual	04:00
15	14/11/15	VT	Paris já tinha sofrido com atentado em 2015; relembre o ataque à jornal	http://globoplay.globo.com/v/4610039/	Marcos Uchoa	03:00
16	14/11/15	VT	Paris amanhece em estado de choque depois de sexta-feira sangrenta	http://globoplay.globo.com/v/4610068/	Pedro Vedova	04:00
17	14/11/15	VT	Grupo terrorista Estado Islâmico choca o mundo com crimes bárbaros	http://globoplay.globo.com/v/4610046/	Tonico Ferreira	03:00
18	14/11/15	VT	JN presta homenagem às vítimas do atentado em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4610078/	----- -----	02:00
19	16/11/15	VT + LINK	Terroristas que mataram mais de 120 pessoas em	http://globoplay.globo.com/v/4613036/	Pedro Vedova	06:00

			Paris são identificados			
20	16/11/15	VT	Promotores investigam se terrorista entrou na Europa como refugiado	http://globoplay.globo.com/v/4613068/	Cecília Malan	02:00
21	16/11/15	VT + LINK	François Hollande declara que a França está em guerra	http://globoplay.globo.com/v/4613041/	Roberto Kovalick	06:00
22	16/11/15	VT + LINK	Franceses prestam um minuto de silêncio em homenagem às vítimas	http://globoplay.globo.com/v/4613069/	José Roberto Burnier	06:00
23	16/11/15	LINK	Polícia francesa intensifica procura por suspeitos	http://globoplay.globo.com/v/4613118/	Roberto Kovalick	02:00
24	17/11/15	VT	Muçulmanos que vivem na França temes agravamento da discriminação	http://globoplay.globo.com/v/4615877/	José Roberto Burnier	04:00
25	17/11/15	VT	Encontrado mais um carro que pode ter sido usado por terroristas em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4615866/	Pedro Vedova	04:00
26	17/11/15	LINK + VT	Paris recebe proteção de mais de 115 mil agentes de segurança	http://globoplay.globo.com/v/4615874/	Ilze Scamparini	03:00
27	18/11/15	VT	Operação contra terroristas na França termina com dois mortos	http://globoplay.globo.com/v/4618493/	Roberto Kovalick	04:00
28	18/11/15	LINK	Forças de segurança invadem apartamento nos arredores de Paris	http://globoplay.globo.com/v/4618490/	Pedro Vedova	02:00
29	18/11/15	VT	Estado Islâmico usa divisões entre muçulmanos para conquistar adeptos	http://globoplay.globo.com/v/4618518/	Fábio Turci	02:00

30	18/11/15	VT	François Hollande pede que líderes mundiais formem coalizão contra Estado Islâmico	http://globoplay.globo.com/v/4618519/	Bianca Rothier	03:00
31	19/11/15	VT	França confirma que Abaaoud foi morto pelas forças de segurança	http://globoplay.globo.com/v/4621292/	Pedro Vedova	02:00
32	19/11/15	VT	Polícia belga faz operação em bairro onde cresceu terrorista	http://globoplay.globo.com/v/4621289/	Carolina Cimenti	01:00
33	19/11/15	NOTA COBERTA	Grávida que ficou pendurada em janela em Paris está bem	http://globoplay.globo.com/v/4621296/	Renata Vasconcellos	01:00
34	19/11/15	VT	Vídeo mostra momento de ataque terrorista a restaurante em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4621300/	Roberto Kovalick	02:00
35	20/11/15	VT	Autoridades confirmam a morte de outro terrorista na operação de Paris	http://globoplay.globo.com/v/4623860/	Roberto Kovalick	04:00
36	20/11/15	NOTA COBERTA	Imagem mostra atendimento médico na noite do atentado em Paris	http://globoplay.globo.com/v/4623842/	Renata Vasconcellos	00:19
37	24/11/15	VT	Polícia francesa aponta mais um suspeito de terrorismo em fuga	http://globoplay.globo.com/v/4631751/	Pedro Vedova	02:00
38	27/11/15	VT	França lembra vítimas dos atentados terroristas da sexta-feira 13	http://globoplay.globo.com/v/4639802/	Bianca Rothier	02:00